

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO: FÁBRICAS DE EXTERMÍNIO HUMANO E A EXPERIÊNCIA DA ELIMINAÇÃO DA ESPONTANEIDADE

CONCENTRATION CAMPS: HUMAN EXTERMINATION FACTORIES AND THE EXPERIENCE OF ELIMINATION OF SPONTANEITY

Nayane Nara Rodrigues Caetano¹
Ricardo George de Araujo Silva²

Resumo:

O presente artigo se propõe a realizar um estudo acerca do uso dos campos de concentração como laboratórios para experimentar o desejo totalitário de domínio total do mundo. Para tanto, faz-se necessário realizar uma análise sobre o regime totalitário que, segundo Arendt, se trataria de uma experiência totalmente nova, dada a importância da propaganda na disseminação de mentiras, como modo de atrair as massas, a criação de um mundo fictício, o uso do terror como sua essência, e todas as demais atrocidades praticadas por estes regimes que levaram ao extermínio de milhares de pessoas nos campos de concentração em suas câmaras de gás. Com isso, busca-se entender, minimamente, os caminhos e meios que foram utilizados pelos regimes totalitários para tornar possível os campos de concentração. Isso posto, pretende-se, ainda, realizar um diálogo com Hannah Arendt, a fim de entender as atrocidades realizadas pelo Nazismo, que levaram os internos dos campos de concentração a se encaminharem até às câmaras de gás para morrer, sem apresentar nenhuma resistência. Para isso, tomamos a obra, *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt, como principal suporte para pensar estas questões propostas.

Palavra-chave: Totalitarismo; Campos de Concentração; Eliminação da Espontaneidade; Hannah Arendt.

Abstract:

This article aims to study the use of concentration camps as laboratories to experiment the totalitarian desire for total world domination. To do so, it is necessary to analyze the totalitarian regime which, according to Arendt, would be a totally new experience, given the importance of propaganda in the dissemination of lies as a way of attracting the masses, the creation of a fictitious world, the use of terror as its essence, and all the other atrocities practiced by these regimes that led to the extermination of thousands of people in the concentration camps in their gas chambers. With this, we seek to understand, minimally, the ways and means that were used by the totalitarian regimes to make the concentration camps possible. That said, we also intend to have a dialogue with Hannah Arendt, in order to understand the atrocities carried out by Nazism, which led the interns of the concentration camps to go to the gas chambers to die, without presenting any resistance. To do so, we take Hannah Arendt's *Origins of Totalitarianism* as the main support to think about these proposed issues.

Key-words: Totalitarianism; Concentration camps; Elimination of Spontaneity; Hannah Arendt.



A incógnita da política totalitária

A questão judaica foi de suma importância para a construção da política arendtiana, tendo em vista que Hannah Arendt é alemã-judia, e sentiu na pele todas as atrocidades praticadas pelos regimes totalitários, dada a sua condição de refugiada e apátrida. Com isso, em sua obra *Origens do Totalitarismo*, publicada em 1951, Arendt utilizou-se da narração da experiência, como forma de pensar como foram possíveis o totalitarismo e os campos de concentração. Contudo, esta não foi uma tarefa fácil, visto que o movimento totalitário não se assemelhava a nenhuma forma de governo já existente, e não podia ser explicado pela experiência, dado seu caráter totalmente inovador. E tal caráter é bastante evidenciado, por exemplo, no fato de que nenhuma outra forma de governo, até mesmo as tiranias, tinham o terror como sua essência, tão pouco tinham a capacidade de manipular as massas a seu favor, mesmo em meio a uma política antiutilitária, visto que as questões políticas, sociais e econômicas, não eram o foco da preocupação do governo, mas sim o desejo de dominar o mundo, por meio do extermínio de imensas massas de pessoas, que nem mesmo apresentavam oposição ao regime.

A mentira sempre esteve presente dentro da política, porém, no totalitarismo, essa mentira ganha aspectos mais doentios, sendo utilizada para disseminar ódio à determinados grupos humanos, e, combinada ao poder de persuasão dos líderes, é capaz de ludibriar as pessoas a acreditarem nas falácias ditas pelo regime, sendo a propaganda o meio utilizado para divulgação dessas mentiras³.

Com o uso destes elementos, acrescidos ao infame apoio das massas e uma estrutura de governo com hierarquia flutuante⁴, o movimento totalitário constrói um mundo fictício e aqueles que vivem nele acreditam que a ideologia do regime é correta. Partindo dessa finalidade, foram criadas as organizações de vanguarda, as quais “funcionam em duas direções: como fachada do movimento totalitário para o mundo não-totalitário, e como fachada para a hierarquia interna do movimento” (ARENDR, 1989, p. 416). Outra figura que ganha destaque nessa organização do totalitarismo, pela busca de conquistar o poder, são as organizações de simpatizantes, os quais “dão aos movimentos totalitários uma aparência de normalidade e respeitabilidade que engana os seus membros quanto à verdadeira natureza do mundo exterior (...)” (ARENDR, 1989, p. 416).

Aliado a estas medidas totalmente únicas e características de um regime totalitário, temos a propaganda, que é responsável por conquistar as massas ao ponto de estas apoiarem o regime. Porém, este também foi o meio utilizado para divulgar diversas mentiras acerca dos judeus, buscando causar em todos o sentimento de ódio à comunidade judaica, para que pudessem justificar as atrocidades que realizavam contra os judeus. Tal desejo ficou totalmente evidenciado nos protocolos dos sábios de Sião, que “era usada principalmente com a finalidade de denunciar os judeus e despertar a ralé para os perigos do domínio judaico” (ARENDR, 1989, p. 407). Como resultado destas mentiras, o antisemitismo ganhou mais força, o que fez com que a ralé despejasse todo o seu ódio contra a comunidade judaica, destruindo as lojas dos judeus, realizando agressões físicas, dentre outros atos de crueldade.

Em meio a essas questões, observamos que os judeus foram o grande alvo de Hitler, o qual discursava que “o maior contraste do ariano é o judeu” (ARENDR,

1989, p. 409). Dentro dessa perspectiva, temos que o Nazismo partia de uma ideologia racial em que defendiam, conforme nos diz Arendt (1989, p. 525) “uma luta de raças como lei da natureza”. Entretanto, Arendt (1989, p. 461), demonstra que a ideologia racial de Hitler não era para defender a raça ariana, mas sim para criar uma nova raça, que seria a raça “realmente pura”, e, para isso, teria que exterminar todas as raças inferiores, vejamos:

A famosa frase, "o direito é aquilo que é bom para o povo alemão", destinava-se apenas à propaganda de massa; o que se dizia aos nazistas era que "o direito é aquilo que é bom para o movimento", e os dois interesses absolutamente não coincidiam. Os nazistas não achavam que os alemães fossem uma raça superior, à qual pertenciam, mas sim que deviam ser comandados, como todas as outras nações, por uma raça superior que somente agora estava nascendo. A aurora dessa nova raça não eram os alemães, mas a SS. O "império mundial germânico", como disse Himmler, ou o império mundial "ariano", como teria preferido Hitler, só viria dali a séculos.

Conforme mencionado na citação acima, o discurso apresentado as massas era o de proteção da raça ariana, passando, com isso, ao nosso ver, uma segurança às massas, que entendem que o governo busca protegê-los, e, ao mesmo tempo, tais discursos tentam incutir nas mentes das pessoas a superioridade delas, em detrimentos daqueles que sejam diferentes, e que, por serem diferentes, não eram dignos de viver no mundo, de terem direito a participar de uma comunidade política organizada, direito de agir e falar. Afinal, seus discursos não possuíam nenhuma importância, visto que eram tratados com condições tão desumanas, que mais pareciam animais que vivem imersos na solidão, vagando pela terra.

Arendt (1989, p. 472), ainda nos traz que “só depois de completo o extermínio dos reais inimigos, e após o início da caça aos “inimigos objetivos”, é que o terror se torna o verdadeiro conteúdo do regime totalitário”. Acerca destas questões, nossa autora, nos apresenta o modo com que os “inimigos objetivos” são escolhidos, bastando ser considerado suspeito, ainda que não haja nenhuma prova, para que se torne um inimigo a ser exterminado. Porém, o que mais assusta é que a grande maioria das vítimas do totalitarismo nunca haviam feito nada contra o regime, tão pouco tinham cometido algum crime, contudo, por razões meramente antisemitas, racistas, xenofóbicas ou pelo mero interesse do movimento, se tornavam inimigos objetivos do regime, estando, com isso, fadados a sofrer as piores torturas possíveis de serem infringidas a um ser humano, até serem levados a morte.

Acerca do conceito de “inimigo objetivo”, Lafer (1988, p. 100), nos diz que:

O conceito de "inimigo objetivo", cuja identidade muda de acordo com as circunstâncias do momento — de sorte que, assim que uma categoria é liquidada, pode declarar-se guerra a outra —, corresponde exatamente à situação de um regime totalitário. Este não tem limites ou obstáculos, mas somente adversários, criados pelas circunstâncias totalitárias e, por isso, "não é um governo no sentido tradicional, mas um movimento cuja marcha constantemente esbarra contra novos obstáculos que têm de ser eliminados. Se é que se pode falar de algum raciocínio legal dentro do sistema totalitário", aponta Hannah Arendt, o "oponente objetivo é a sua idéia central”.

Nesse sentido, temos que o objetivo final do totalitarismo é o domínio total do mundo, e, com isso, sendo conveniente ao movimento, qualquer indivíduo pode ser considerado um inimigo objetivo, e terá o triste fim de ser exterminado.

Não podemos deixar de mencionar a barbárie praticada por Himmler⁵, o qual foi responsável por “transformar a questão racial, de “conceito negativo baseado no anti-semitismo natural”, em “uma tarefa organizacional para a constituição da SS” (ARENDR, 1989, p. 436). Assim, Himmler criou um método o qual era composto de vários requisitos que seriam utilizados para definir quem poderia ser membro da elite, e tal seleção era realizada com base na linhagem sanguínea, vejamos:

O principal mérito da reorganização da SS por Himmler foi que ele descobriu um método muito simples de “resolver o problema do sangue pela ação”, isto é, de selecionar os membros da elite segundo o “bom sangue” e prepará-los para “realizar uma impiedosa luta racial” contra todos os que não pudessem remontar a sua origem “ariana” até 1750, ou tivessem menos de um metro e setenta de altura (“sei que as pessoas que cresceram até determinada altura devem possuir, em certo grau, o sangue desejado”), ou não tinham olhos azuis e cabelos louros. Esse racismo em ação tornava a organização independente de quase todo ensinamento concreto de qualquer “ciência” racial, e também independente do anti-semitismo, que era uma doutrina específica e temporária, referente à natureza e ao papel dos judeus, e cuja utilidade terminaria quando os judeus fossem exterminados.

Outra questão abordada por Arendt, que demonstra o nível de crueldade de Hitler e sua ideia do “tudo é possível”, é que, embora os judeus tenham sido o principal alvo do Nazismo, houveram outras minorias que foram vítimas de suas atrocidades⁶, dentre eles, os portadores de doenças incuráveis, e os “loucos”, conforme o Decreto, de 01 de setembro de 1939, assinado por Hitler após declarar guerra à Polónia. (ARENDR, 1989, p. 397).

Nossa autora, ainda menciona que Hitler planejava lançar uma lei de saúde Nacional, que exterminaria inúmeras pessoas pelo simples fato de serem acometidas de moléstias no pulmão e no coração, e esse extermínio, ainda, era estendido aos familiares do portador da doença, como uma tentativa de evitar que os doentes pudessem vir trazer ao mundo crianças que tivessem as mesmas moléstias, conforme leciona Arendt (1989, p. 466):

Hitler planejou, durante a guerra, a criação de uma Lei de Saúde Nacional: “Depois de um exame de raios X de toda a nação, o Fuehrer receberia uma lista de pessoas doentes, particularmente de portadores de moléstias do pulmão e do coração. Segundo essa nova lei de saúde do Reich (...) essas famílias já não podiam permanecer misturadas ao público nem gerar crianças. O que será feito delas é objeto de futuras ordens do Fuehrer”. Não é preciso ter muita imaginação para adivinhar o que teriam sido essas ordens futuras. O número de pessoas que já não poderiam “permanecer misturadas ao público” teria constituído uma considerável proporção do povo alemão.

Todas essas barbáries cometidas pelos regimes totalitários representavam

apenas o começo de tudo, visto que foram com os campos de concentração que o totalitarismo atingiu o seu auge, conforme será exposto a seguir.

Campos de concentração como fábricas de extermínio humano

Para Hannah Arendt (1989, p. 488), “os campos de concentração e extermínio dos regimes totalitários servem como laboratórios onde se demonstra a crença fundamental do totalitarismo de que tudo é possível”. Segundo a mesma autora, os campos de concentração não possuíam nenhuma utilidade⁷ econômica ou política, visto que não era produzido praticamente nada nesses lugares a não ser sofrimento, humilhação e tortura, em face das vítimas. Acerca dessa ausência de utilitarismo dos campos de concentração e de sua finalidade meramente destrutiva, André Duarte (2000, p. 68), nos diz que “a verdadeira destinação dos campos de concentração: a de não servirem para coisa alguma, senão para destruição da liberdade; e a de não gerarem produto final algum, a não ser a pilha de cadáveres”.

Com isso, os campos de concentração foram palco das maiores atrocidades possíveis, que superam o imaginário humano, e isso já iniciava desde o humilhante transporte destas pessoas aos campos de concentração, conforme nos diz Arendt (1989, p. 504):

As maneiras de lidar com essa singularidade da pessoa humana são muitas e não tentaremos arrolá-las. Começam com as monstruosas condições dos transportes a caminho do campo, onde centenas de seres humanos amontoam-se num vagão de gado, completamente nus, colados uns aos outros, e são transportados de uma estação para outra, de desvio a desvio, dia após dia; continuam quando chegam ao campo: o choque bem organizado das primeiras horas, a raspagem dos cabelos, as grotescas roupas do campo; e terminam nas torturas inteiramente inimagináveis, dosadas de modo a não matar o corpo ou, pelo menos, não matá-lo rapidamente. O objetivo desses métodos, em qualquer caso, é manipular o corpo humano — com as suas infinitas possibilidades de dor — de forma a fazê-lo destruir a pessoa humana tão inexoravelmente como certas doenças mentais de origem orgânica.

Diante disso, os regimes totalitários foram capazes de utilizar os campos de concentração do modo mais monstruoso possível, visto que, após todas as mencionadas humilhações, ao chegarem aos campos, os inocentes⁸ eram separados uns dos outros e tratados como animais, tendo suas carnes violadas constantemente, e eram submetidos a verdadeiras torturas psicológicas, que os levavam ao limite do suportável por uma pessoa humana, causando, assim, a perda de qualquer gota de esperança que aquele pesadelo poderia acabar.

Para uma melhor compreensão das torturas psicológicas realizadas nos campos, Arendt (1989, p. 489), menciona relatos de sobreviventes desses campos, vejamos:

Era como se eu estivesse convencido de que, de certa forma, aquelas coisas horríveis e degradantes não estavam acontecendo a 'mim' como sujeito, mas a 'mim' como objeto. Essa sensação foi corroborada pelo-que me diziam outros prisioneiros. (...) Era como se eu visse ocorrerem coisas das quais apenas vagamente participava. (...) 'Isto não pode ser

verdadeiro, essas coisas simplesmente não acontecem'. (...) Os prisioneiros tinham de convencer a si mesmos que aquilo era real, que estava realmente acontecendo e que não era apenas um pesadelo. Nunca o conseguiram completamente".

Diante desses relatos, fica evidenciado os graves danos psicológicos que eram causados às vítimas, que acabavam perdendo a percepção do que era real ou pesadelo, levando esses indivíduos aos caminhos que almejavam os Nazistas, qual seja, transformá-los em verdadeiras marionetes, que não sentem, não agem e não falam, e que são incapazes de expressar qualquer tipo de opinião, que perdem as forças para agir. Tendo como resultado, a perda de algo que é tão essencial a todos os seres humanos, que é a espontaneidade, conforme será discutido adiante.

Tendo em vista que o maior objetivo dos regimes totalitários é a dominação total, os campos de concentração são, de fato, de suma importância para que tais objetivos sejam alcançados, visto que lá as vítimas têm seus corpos e suas mentes massacradas, facilitando o domínio total.

Nesse sentido, Lafer (1988, p. 103), nos apresenta uma análise arendtiana acerca do papel central dos campos de concentração, visto que, na visão da autora, representam uma “verdadeira instituição, constitutiva do cerne do poder organizacional do regime”:

De fato, na análise arendtiana os campos de concentração têm este papel central, pois são: (i) o laboratório que demonstra a convicção totalitária de que tudo é possível; (ii) o locus que permite não apenas o extermínio físico das pessoas mas também a eliminação da espontaneidade como dimensão e expressão da conduta humana e, conseqüentemente, o ambiente que verdadeiramente permite a transformação da personalidade humana numa simples coisa; e (iii) a instituição essencial para a preservação do poder do regime pelo medo indefinido que os campos de concentração inspiram na sociedade e pelo treinamento muito definido que oferecem em matéria de dominação total, que em nenhuma parte, a não ser no isolamento dos campos, pode ser testado em todas as suas radicais possibilidades.

Outro grande objetivo dos regimes totalitários, ao aprisionarem pessoas inocentes, era garantir que estes fossem de fato expulsos do mundo, visto que, ao serem encaminhados aos campos de concentração, as vítimas perdiam totalmente o contato com o mundo exterior, era como se não tivessem mais familiares, amigos, como se, de fato, fossem expulsos do mundo. Nas palavras de Arendt, é como se nunca tivessem nascido.

Diante disso, temos que os campos de concentração representam um laboratório para os experimentos de um domínio total, em que os regimes totalitários desejam destruir suas vítimas a ponto de tê-las em completa submissão, tornando-os verdadeiros “cidadão modelo do Estado totalitário; e isso não pode ser produzido de maneira perfeita a não ser nos campos de concentração” (ARENDDT, 1989, p. 507).

O ápice de toda a barbárie totalitária se efetivou com a construção das câmaras de gás, em que os internos, depois das inúmeras torturas físicas e psicológicas, tinham que percorrer o caminho até estas câmaras de gás, para que lá fossem exterminados, como se fossem verdadeiros animais sendo levados para o

abate.

A eliminação da espontaneidade humana

Ao serem colocados nos campos de concentração, as vítimas experimentavam as piores torturas possíveis de serem empregados em um homem, além de encontram-se em completa isolamento do mundo, visto que não possuíam nenhum direito, estando, assim, totalmente isolados da esfera pública, tendo consigo, unicamente, seu próprio eu. Entretanto, veremos que nem mesmo o diálogo com o “próprio eu” será mantido por muito tempo, dada as atrocidades ocorridas nos campos de concentração que levam esses indivíduos a completa solidão⁹, sem lugar no mundo, até serem mortos nas câmaras de gás.

Nesse sentido, Arendt (1989, p. 488/489), nos diz que:

Os campos destinam-se não apenas a exterminar pessoas e degradar seres humanos, mas também servem à chocante experiência da eliminação, em condições cientificamente controladas, da própria espontaneidade como expressão da conduta humana, e da transformação da personalidade humana numa simples coisa, em algo que nem mesmo os animais são.

Dentro do processo de extermínio das vítimas, para que estas percam sua espontaneidade e passem a ser meros indivíduos supérfluos, os regimes totalitaristas iniciam com a destruição da personalidade jurídica dos inocentes, retirando deles todo e qualquer direito, conforme nos diz Arendt (1989, p.502):

O fim do sistema arbitrário é destruir os direitos civis de toda a população, que se vê, afinal, tão fora da lei em seu próprio país como os apátridas e os refugiados. A destruição dos direitos de um homem, a morte da sua pessoa jurídica, é a condição primordial para que seja inteiramente dominado.

Com a destruição da personalidade jurídica, em que as vítimas passam a viver despidas de qualquer proteção governamental, os regimes totalitários passam para o próximo passo necessário ao domínio total que, segundo nossa autora, seria “matar a pessoa moral do homem. Isso se consegue, principalmente, tornado impossível, pela primeira vez na história, o surgimento de mártir” (ARENDR, 1989, p. 502). A esse respeito, Duarte (2000, p 69/70), nos diz que:

O processo de criação de “cadáveres vivos” prossegue, atingindo então a instância da “pessoa moral do homem”. Diante da morte em massa, na qual muitos dos detentos são implicados direta ou indiretamente, tanto em sua execução quanto em sua organização, desaparece a possibilidade de que surjam mártires, minando-se pela base a possibilidade da solidariedade.

Ao efetivarem a destruição da personalidade jurídica e moral dos internos, tudo o que resta para estes é a própria individualidade, todavia, em meio a uma completa solidão, vagando pela terra, sem nenhuma raiz e sem nenhuma perspectiva, a individualidade, por mais que seja algo difícil de ser destruído, acaba

sendo ceifada dos internos, e isso é comprovado no momento em que os homens são levados às câmaras de gás sem apresentarem nenhuma resistência. Conforme nos diz, Arendt (1989, p. 506):

É possível que se descubram leis da psicologia de massa que expliquem por que milhões de seres humanos se deixaram levar, sem resistência, às câmaras de gás, embora essas leis nada venham a explicar senão a destruição da individualidade. Mais importante é o fato de que os que eram condenados individualmente quase nunca tentavam levar consigo um dos seus carrascos, de que raramente havia uma revolta séria, e de que, mesmo no momento da libertação, houve poucos massacres espontâneos de homens da SS. Porque destruir a individualidade é destruir a espontaneidade, a capacidade do homem de iniciar algo novo com os seus próprios recursos, algo que não possa ser explicado à base de reação ao ambiente e aos fatos. Morta a individualidade, nada resta senão horríveis marionetes com rostos de homem, todas com o mesmo comportamento do cão de Pavlov, todas reagindo com perfeita previsibilidade mesmo quando marcham para a morte.

Pontuadas estas questões, somos levados a refletir sobre o quanto os atos de torturas físicas e psíquicas, cometidos nos campos de concentração, podem ir muito além da nossa imaginação, porém, embora tais torturas sejam agonizantes, ainda há algo que é bem mais doloroso de retirar de um homem, que é a sua própria dignidade, sua possibilidade de construir algo novo, de fazer parte do mundo, não enquanto ser que vive na terra, mas enquanto pessoa humana, capaz de agir, falar, deliberar e lutar por igualdade e liberdade dentro da política. E tudo isso foi tirado dos prisioneiros dos campos de concentração, levando estes a se tornarem verdadeiros “fantoques” no mundo.

Com isso, temos que os regimes totalitários desejavam o domínio total do mundo, e a melhor forma de treinamento para esse domínio foram os campos de concentração, que buscavam transformar os homens em verdadeiros animais, conforme leciona Odílio (2008, p. 84):

O governo totalitário baseia-se não no mundo comum, na troca das experiências imprevisíveis, alimentadora da espontaneidade humana, mas na tentativa de transformar o caráter dos homens, a sua natureza específica, tornando-o previsível, “animal” e supérfluo nas suas características específicas: agir e pensar.

Diante disso, podemos concluir que o Nazismo atingiu seu objetivo ao eliminar a espontaneidade das vítimas, no momento em que estas se tornaram meros humanos, incapazes de resistir, de lutar pela própria vida, visto que a situação limite à que os internos eram submetidos nos campos de concentração os impediam de reagir, de sentir, de acreditar em algo. Com isso, a morte, em meio a tanta dor e desesperança, parece ser a única luz ao fundo do túnel, onde o medo de não morrer e voltar a sofrer, pode ser bem mais assustador que o medo da própria morte.

Considerações finais

Ao tratar do tema dos campos de concentração que, nas lições de Arendt,

seriam fabricas da morte, e realizarmos uma análise acerca dos caminhos trilhados pelo totalitarismo que levaram a este fim, podemos concluir que, de fato, a experiência totalitária representou algo totalmente diverso de tudo o que já foi visto no decorrer da história. E um dos motivos que nos leva a refletir, é o fato destes regimes não buscarem o poder em si, do contrário, desejavam dominar todo o mundo, e os campos de concentração representaram o lugar ideal para testar o domínio total, visto que lá os grupos humanos eram levados ao limite do viver e morrer, eram expulsos do mundo, e simplesmente sobreviviam para continuar a sofrer, até que suas vidas chegassem ao fim em uma câmara de gás.

Com isso, o Nazismo conseguiu destruir a espontaneidade de suas vítimas, tornando-as verdadeiras marionetes, como se fossem corpos vagando pela terra, e, ao conquistarem isso, conseguem efetivar o domínio total.

Diante destas questões, podemos observar que o governo totalitário, de fato, demonstrou o quão monstruoso o ser humano pode ser, ao buscar defender uma ideologia partindo do pressuposto de que o líder, do regime totalitário, seria competente para definir quem vive e quem morre no mundo, e, com isso, aniquilavam pessoas inocentes, que tiveram o triste fim de serem considerados “inimigos objetivos” do regime.

Por fim, e conforme mencionado por Arendt, temos que o totalitarismo pode não ter morrido com a morte de seus líderes, visto que, no mundo contemporâneo, ainda existem diversos refugiados, e demais grupos humanos, que vivem à margem da sociedade, e que são vítimas de governos que praticam atos que podem ser, verdadeiramente, um totalitarismo velado, razão pela qual o pensamento arendtiano é tão recente, visto que é necessário que as pessoas tenham comprometimento com a política, busquem deliberar entre si, para que, na falha das instituições, possam partir para o enfrentamento, buscando garantir o bem comum, a felicidade pública, e impedindo que novos regimes totalitários venham a ser instaurados, vez que o comodismo, o achar que tais horrores nunca poderiam retornar, pode ser um grande risco que corremos cada vez que deixamos de agir.

Referências

AGUIAR, Odílio Alves. **A tipificação do totalitarismo segundo Hannah Arendt**. Revista dois pontos, Curitiba, São Carlos, vol. 5, n. 2, p.73-88, outubro, 2008.

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. Revisão técnica de Adriano Correia. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

_____, 1906-1975. **Origens do Totalitarismo: Hannah Arendt**; tradução Roberto Raposo- São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____, **Entre o passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa et al. São Paulo. Ed. Perspectiva. 2001.

Duarte, André. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**/André Duarte. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LAFER, Celso, 1941. **A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o**

pensamento de Hannah Arendt/ Celso Lafer. — São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Ribas, Christina Miranda. **Justiça em tempos sombrios: a justiça no pensamento de Hannah Arendt/ Christina Miranda Ribas.** Ponta Grossa: Toda palavra, 2019.

SILVA, Ricardo George de Araújo. **A questão dos refugiados e a ideia de pertencimento ao mundo.** *Philósophos*, Goiânia, V. 23, N. 1, P.365-401, JAN./JUN. 2018. ISSN1983-2109.

_____. **Totalitarismo: massas que não julgam governos que matam.** *Dialogando*, Quixadá, v. 2 – n. 4, Jul./Dez. 2017.

_____. **Verdade e política: a partir da obra de Hannah Arendt.** *Cadernos de Arendt*, v. 01, nº 02.2020.

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia Política, Ética e Educação – GEPEDE/UVA/CNPQ; E-mail: nayanerodrigues.adv@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5911377728220679>.

² Professor Doutor do mestrado acadêmico da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e professor/colaborador do PROF-FILO/UFC; líder do Grupo de Pesquisa em Filosofia Política, Ética e Educação – GEPEDE/UVA/CNPQ; E-mail: ricardogeo11@yahoo.com.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7190575211736938>.

³ Sobre o tema da mentira em Arendt, Cf. Silva (2020).

⁴ Acerca do tipo de hierarquia presente nos regimes totalitários, Arendt (1989, p. 419), nos diz que seria uma hierarquia flutuante, “semelhante à dos serviços secretos, torna possível, mesmo sem o poder efetivo, degradar qualquer escalão ou grupo que vacile ou mostre sinais de perda de radicalismo, através da mera inserção de mais uma camada radical, deslocando assim o grupo mais velho em direção da organização periférica de vanguarda, ou seja, na direção oposta ao centro do movimento”.

⁵ Himmler, que possuía muito ódio dos judeus, foi nomeado por Hitler para chefiar a SS, treinando homens para agirem como verdadeiros animais. Arendt (1989, p. 505), ao tratar sobre a administração dos campos de concentração, dispôs que “O verdadeiro horror, porém, começou quando a SS tomou a seu cargo a organização dos campos. [...] Os campos já não eram parques de diversões de animais sob forma humana, isto é, de homens que realmente deveriam estar no hospício ou na prisão; agora eram “campos de treinamento”, onde homens perfeitamente normais eram treinados para tornarem-se perfeitos membros da SS”. Em um relato, apresentado por Arendt (*Idem*), “Rousset, op. cit., p. 390, conta como um homem da SS disse a um professor: “Antigamente você era professor. Agora não é mais professor de coisa alguma. Já não é nenhum mandachuva. Agora você é um nanico: o manda-chuva agora sou eu.”. Tais relatos, são apenas pequenos exemplos das atrocidades praticadas por Himmler enquanto chefiava a SS, durante o governo do partido Nazista.

⁶ Acerca dos extermínios ocorridos durante o governo do Nazismo, Arendt (1989, p. 441), nos expõe a ordem com que as vítimas seriam exterminadas, vejamos: “os primeiros a serem exterminados eram os judeus “puro-sangue”, seguidos dos que eram “meio-judeus” e “um-quarto-judeus”; em outra área, os primeiros a serem incluídos eram os loucos, seguidos dos portadores de doenças incuráveis e, depois, pelas famílias em que surgisse algum “doente incurável”. A “seleção que não pode ser detida” não o foi nem sequer diante dos membros da SS. Um decreto do Führer, de 19 de maio de 1943, ordenava que todos os que tivessem ligações com estrangeiros através de laços familiares, casamento ou amizade deviam ser eliminados do Estado, do partido, da Wehr-macht e da economia; isso afetou 1200 líderes da SS”.

⁷ Sobre isso, cabe ressaltar que, segundo nossa autora, os campos de concentração Russos, seriam em geral considerados como campos destinados ao trabalho forçado, entretanto, Arendt (1989, p. 495), deixa claro a inverdade em tais afirmações, ao dispor que “A Rússia especialmente, cujos campos de

concentração são em geral descritos como campos de trabalho forçado, porque a burocracia soviética preferiu honrá-los com esse nome, revela com mais clareza que o trabalho forçado não é a questão fundamental; o trabalho forçado é a condição normal de todos os trabalhadores russos, já que eles não têm liberdade de movimento e podem ser arbitrariamente convocados para trabalhar em qualquer lugar a qualquer momento.”, com isso, resta claro que os campos de concentração Russos, assim como os campos da Alemanha eram utilizados como verdadeiros laboratórios para experimentos do domínio total.

⁸ Acerca dos internos dos campos de concentração, é importante mencionar que inicialmente, os campos eram habitados por criminosos que já haviam cumprido suas penas, porém, “O objetivo final, parcialmente conseguido na União Soviética e claramente visível nas últimas fases do terror nazista, é que toda a população dos campos seja composta dessa categoria de pessoas inocentes” (ARENDR, 1989, P. 500). Assim, os criminosos somente foram colocados nos campos de concentração como um artifício para ludibriar as massas a pensarem que os campos de concentração seriam algo positivo, pois estariam tirando das ruas pessoas que cometeram crimes. Porém, sabemos que tal justificativa é falsa.

⁹ Arendt (1989, p. 527), nos traz a distinção existente entre isolamento e solidão, em que “o isolamento é aquele impasse no qual os homens se veem quando a esfera política de suas vidas, onde agem em conjunto na realização de um interesse comum, é destruída”, já a solidão, nas lições da nossa autora, seria a ausência de pertencimento ao mundo, o qual representaria a pior condição possível para um homem.

Recebido em: 01/2022
Aprovado em: 07/2022